

## **CAMPESINATO E ASSOCIATIVISMO: UMA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO ARAÇÁ – RIO ARARI – ITACOATIARA/AM**

Ednilce Ferreira Cruz Mendes  
Universidade Federal do Amazonas

### **RESUMO:**

O artigo tem como objetivogeral apresentar o projeto de extensão:Aplicação das ferramentas da qualidade na Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Artesãos e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari. Para tanto,é necessário descrever as atividades realizadas com os Associados através das oficinas nacomunidade, compreender as teorias camponesas por meio dos clássicos do campesinato: Karl Kaustsky, Alexander Chayanov e Teodor Shanin e analisar à luz do pensamento desses teóricoscomoa Associação buscaformas de reprodução do modo de vida camponês frente à expansão capitalista. A metodologia usada o método histórico e dialético, as técnicas utilizadas são a relato de experiência dos participantes das oficinas e dos alunos e a revisão bibliográficaestá embasada nesses três teóricos.Os resultados e conclusões desse trabalho sãoas ferramentas da qualidade (Análise SWOT, GUT, Diagrama de Ishikawa, Plano de Ação a partir da ferramenta 5W2H) construídas junto com os participantes nas oficinas e como elas podem contribuir com a organização e planejamento das atividades e acompanhamento das ações pelas lideranças da Associação e Fundação Rio Anebé através da assistência técnica prestada.

**PALAVRAS-CHAVE: Campesinato; associativismo; ferramentas da qualidade.**

### **INTRODUÇÃO**

Diante da expansão capitalista nos últimos 20 anos, na área rural do município de Itacoatiara especialmente nas comunidades do rio Arari a Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Artesãos e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari -ASTA busca formas de reprodução do modo de vida camponês através do associativismo congregando 20 associados. Seus fundadores são agricultores familiares que vivem da agricultura de subsistência, porém devido à expansão da pesca predatória e na ausência de políticas públicas de incentivo a agricultura familiar e ao escoamento da produção, estes agricultores procuram parcerias para implantar ações que promovam a melhoria de sua qualidade de vida.

Parte-se da hipótese de que o camponês não se desintegrou, mas buscou formas de se reproduzir para sua inserção no modo de produção capitalista. Como problemática apresenta-se: como as comunidades rurais do baixo Rio Arari buscam formas de manter suas tradições e comercializar seus produtos no mercado?

O método histórico e dialético permitirá descrever a associação suas ações e as interpretações e discussões possibilitam apresentar as conclusões a respeito do projeto executado. As ferramentas de Gestão da Qualidade são utilizadas em várias áreas empresariais e também sociais, visando a melhoria contínua dos processos produtivos e no ciclo de serviços. Partindo dessa nova visão de qualidade as empresas japonesas começaram a implantar os sistemas de gestão da Qualidade Total e este conceito se expandiu pelo mundo. Revolucionando os chãos de fábrica e os escritórios aplicando ferramentas e métodos que contribuem para a melhoria contínua.

Para esse estudo foram utilizadas: aAnálise SWOT, Diagrama de Ishikawa ou diagrama de causa e efeito, GUT (Gravidade, Tendência, Urgência), 5W2H, (ferramenta de planejamento)e Brainstorming. Com estas ferramentas é possível ajudar as organizações, sejam elas com ou sem fins lucrativos a alcançarem melhores resultados a partir de sua aplicação. A seguir, relaciona-se cada uma delas e sua aplicação no contexto do estudo.

- Análise SWOT – ferramenta que permite uma análise da situação atual da organização para identificar pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças da associação em relação ao mercado.
- Diagrama de Causa e Efeito, Diagrama de Ishikawa ou Diagrama de Espinha de Peixe – permite a organização das informações possibilitando a identificação das possíveis causas do problema. Ele atua como um guia para identificação da causa fundamental desse problema e é utilizado para sumarizar as possíveis causas do problema considerado, com isso, pode-se então determinar medidas corretivas para serem adotadas.
- GUT – Gravidade, Urgência e Tendência – ferramenta usada para definir prioridades;
- 5W2H – ferramenta usada para fazer o planejamento das ações. Consiste em mostrar em formato de tabela a resposta à perguntas básicas para implementação de melhorias. Essa tabela é composta de perguntas como: What

(o quê), onde se faz uma descrição do que está sendo implementado; Why (por quê), onde se faz a justificativa para a implementação da ação; Where (Onde), onde é descrito o lugar onde a ação será implementada; Who (Quem), onde se especifica os responsáveis pela implementação da ação; When (Quando), onde se definem as datas de início e fim da ação; How (como), onde se descreve como a ação será implementada e How much (quanto custa), onde se indica os valores envolvidos.

- Brainstorming, é um método de geração coletiva de novas ideias através da contribuição e participação de diversos indivíduos inseridos num grupo. A utilização deste método baseia-se no pressuposto de que um grupo gera mais ideias do que os indivíduos isoladamente e constitui, por isso, uma importante fonte de inovação através do desenvolvimento de pensamentos criativos e promissores.

As técnicas utilizadas para avaliar os resultados do projeto foram os relatos de experiência da comunidade, dos alunos, dos parceiros e da coordenadora do projeto, o que possibilita a análise e interpretação quanto às oficinas realizadas e se houve contribuição para a Associação. Através dos autores Karl Kaustsky, Alexander Chayanov e Teodor Shanin buscar-se-á entender o trabalho da Associação para reproduzir seu modo de vida diante da influência do capital na comunidade.

### **As teorias do campesinato e suas correlações na vida camponesa da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Artesãos e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari**

Na sequência de estudos a respeito do camponês Karl Kautsky (1980), apresenta em 1899 uma teoria quanto ao capitalismo na agricultura com integração entre os setores da agricultura e da indústria; compra de bens e produtos agrícolas para produzir; desaparecimento do campesinato ou cooperação entre camponeses. Na visão do autor essas medidas favoreceriam a organização do camponês para combater a superioridade da grande propriedade “unidade ideal”. Ele propõe a organização do camponês em ligas no sentido de superarem as dificuldades da industrialização na agricultura ou uma organização socialista da produção para combater o capitalismo agrário.

Em sua obra *A Questão Agrária*, Kautsky (1980), interpreta a trilha capitalista na agricultura europeia e diz que a agricultura não segue a mesma trilha da indústria, que ela tem suas particularidades e leis especiais. A partir da expansão capitalista na indústria urbana o modo de produção e o trabalho do camponês são modificados. E a produção de mercadorias passa a invadir o mundo rural alterando as relações de produção e a família camponesa. Um exemplo citado pelo autor é a introdução da debulhadora que substituiu o trabalho feito por vários camponeses e sua família na debulha de cereais. Este fato reduz a família camponesa da época que se proletariza para sobreviver num mundo que está sendo dominado pela mecanização da agricultura para produzir alimentos excedentes para a comercialização no mercado.

Analisando o que ocorre na agricultura europeia da época com o que ocorre na Amazônia, especificamente na região de estudo na comunidade São João do Aracá – Rio Arari – interior do município de Itacoatiara/AM não há expansão quanto à chegada de maquinários na agricultura, pois essa não é uma realidade das áreas de várzea no Amazonas. Vale ressaltar, que essas mudanças provocadas pelas relações capitalistas na área rural são mais visíveis nas áreas de fazendas ao longo da estrada AM-010 – Manaus-Itacoatiara e algumas vicinais onde há contratação de trabalhadores temporários.

Kautsky(1980) entende que a cooperativa é uma forma do camponês da sua época resistir ao capitalismo agrário e apresenta sua interpretação acerca das dificuldades do camponês se inserir no cooperativismo.

Não há meio em que as condições prévias para a organização de cooperativas se encontrem mais fracamente desenvolvidas do que entre os camponeses; suas condições de vida e de trabalho os isolam completamente, reduzem ao mínimo seu horizonte político e roubam-lhe o tempo livre que a autogestão cooperativa exige. (KAUTSKY, 1980, p.109)

O autor analisa as dificuldades do pequeno camponês de se organizar por ser um número maior, não terem conhecimento comercial e devido à tradição do modelo patriarcal. Assim, as cooperativas na Rússia foram formadas pelos latifundiários e propriedades agrícolas da nobreza com a intensão de crédito hipotecário. O pequeno camponês que não tinha como pagar o empréstimo, pois sua propriedade não tinha produção suficiente, ficava de fora do sistema cooperativo, que na verdade tinha o propósito de promover a inserção do

camponês no sistema capitalista e não levava ao socialismo, mas ao progresso econômico. As cooperativas surgiram como forma de médios e grandes proprietários de terras atenderem a demanda do mercado por alimentos e a mecanização da agricultura para abastecer a indústria da época.

Aqui cabe fazer uma análise do modo de vida camponês amazônico onde a cultura da cooperativa ainda é acanhada e existem poucos casos de sucesso. E assim como na Europa o cooperativismo e o associativismo não visam o socialismo, mas a inserção do camponês amazônico no modo capitalista de produção e como forma de sobreviver no mercado competitivo gerado pelo sistema.

No caso da área de estudo não há experiências com cooperativa, mas existe uma experiência prática de associativismo com a Associação de Trabalhadoras e Trabalhadores Artesãos do Baixo Rio Arari que é uma forma de organização social, que tem possibilitado às vinte famílias associadas considerável melhoria na sua qualidade de vida e modo de produção através das parcerias com a Fundação Rio Anebá que possibilita a assistência técnica, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR com técnicas e cursos de formação, o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM com convênio para adquirir transporte e cursos.

Além dessas atividades de cunho econômico a Associação procura manter a reprodução do modo de vida camponês amazônico prezando pelo resgate da cultura da roça, da conservação dos lagos para a pesca através do manejo do pirarucu, da horticultura, da criação de abelhas, galinhas e porcos. Bem como, da preservação das festas religiosas e do trabalho em mutirão.

Dentre os teóricos do campesinato Alexander Chayanov (1974) vai por outra linha de pensamento defendendo a existência do camponês e diverge assim de Kautsky e Lênin. Mais tarde tornou-se ministro da agricultura de Lênin até 1929, e foi fuzilado por Stálin. O trabalho *La organizacion de la unidad econômica campesina*, é da primeira década do século XX, e nos remete para uma outra abordagem da manutenção do campesinato. Diferente de Lênin, poiserá um agrônomo que conhecia o campo e fazia parte da escola “organização da produção” e estava do lado dos camponeses e isto lhe custou a vida.

Foi um dos últimos teóricos populistas, defendia a ideia de autonomia e viabilidade do campesinato que não pode ser examinada pela interpretação marxista, pelas leis do valor, pois

para ele o campesinato possui uma peculiar estrutura organizacional, com o desenvolvimento do trabalho familiar com requisitos diferentes da empresa capitalista. Foi um interlocutor da escola austríaco-alemã e crítico da perspectiva marxista de seu tempo. São seguidores de Chayanov, Galeski e Tepichte tem inspirado o estudo do campesinato no Brasil.

Constitui importante referencial teórico sobre a questão camponesa e coloca como elemento fundamental, a caracterização do campesinato a partir do núcleo familiar e do balanço trabalho-consumo existente na unidade doméstica. A teoria da organização da unidade econômica camponesa se baseia nos estudos dos zemstvos desenvolvidos sobre as economias de produção familiares russas, no início do século XX. Essa teoria fundamenta-se no entendimento de que a família trabalha para preencher as necessidades fundamentais dos seus membros e em um segundo plano, para acumular capital. Considerando a ausência do trabalho assalariado e a não acumulação de capital, classifica a unidade econômica camponesa como não-capitalista.

Para Chayanov (1974) o modo de produção camponês difere do modo de produção capitalista pelas seguintes características: por ser uma produção de subsistência com a mão-de-obra própria da família; por ter uma relação trabalho x consumo baseado em braços e bocas, esta composição familiar determinará a variação do volume de trabalho e também de consumo; comercialização e atividades agrícolas eventuais, somente se houvesse excedente o camponês vendia ou trocava seus produtos por outros que não produzia; não visava acumulação do capital; tinha a unidade familiar como base e cooperação entre os camponeses. Isso é fator que diferencia a unidade econômica camponesa como não capitalista.

Afirma que o campesinato é um modo de produção, cujas características são: a força do trabalho familiar – unidade econômica camponesa - pequena propriedade como local das atividades, a própria família produz seu meio de produção, às vezes, devido a diversos fatores, membros da família se veem obrigados a empregarem sua força de trabalho em atividades rurais não agrícolas. O autor vê nas cooperativas coletivas as únicas alternativas para introduzir a exploração camponesa no ambiente da industrialização agrícola em grande escala. Assim, para permanecer no modo de produção camponesa o caminho é a unidade econômica camponesa familiar e em caso de ingresso no modo de produção capitalista, os camponeses devem se aliar e unir em cooperativas.

A visão de Chayanov(1974) traz uma nova discussão quanto ao campesinato fora do contexto marxista, das teorias de valor. Analisando e comparando o pensamento do autor com

a realidade camponesa amazônica que tem em suas raízes antropológicas tanto indígenas quanto não indígenas conforme nos relata Nugent (2006, p. 35), “nossa mestiçagem indígena, portuguesa, libanesa, espanhola, inglesa, judia e outras, nos dá várias características físicas e sociais que nos diferenciam e nos unem principalmente a terra e aos vínculos familiares”. A migração devido às políticas desenvolvimentistas nos tornou um povo bem mais heterogêneo que os europeus estudados pelos autores das teorias do camponato.

Daí serem forte na cultura amazônica os laços familiares na vida camponesa e a agricultura de subsistência na relação trabalho e consumo, onde o número de pessoas na família define a produção. É comum nas comunidades ribeirinhas quando se chega à casa do camponês (caboclo) ter várias famílias morando ou na mesma casa ou um próximo do outro na comunidade. Inclusive comunidades onde a maioria dos moradores são parentes. Nessa perspectiva de trabalho familiar de subsistência a família tem o suficiente para sobreviver e não há acumulação do capital.

Na comunidade estudada é muito comum nas casas onde visitamos e nas reuniões e oficinas realizadas mais da metade dos participantes eram da mesma família. Inclusive o trabalho de plantar e colher ainda são feitos em sistema de mutirão. As famílias participantes da Associação são proprietários de pequena área de terra e plantam atualmente para ter excedente para vender nos mercados e feiras, porém não em grande escala. O sistema de plantio é consorciado com outras culturas (como roça e horta).

A teoria de Chayanov (1974) de que o modo de produção camponês é familiar, baseado na agricultura de subsistência e que não visa acumulação se adequa perfeitamente ao modelo estudado. Outra característica é que a comunidade buscou no associativismo uma forma de vencer as dificuldades de produção e comercialização.

Outro teórico importante do camponato é Theodor Shanin (2005) em sua obra A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista, o camponês é perpetuado no mundo por diversas formas de reprodução através do trabalho familiar, da economia de subsistência, pela sua organização política em diferentes regiões e países do mundo, pelas normas e cognições típicas e muito semelhantes em camponatos suficientemente afastados que influenciam as formas de reprodução e de vida social, em unidades básicas e características de organização social e seu funcionamento tem mostrado considerável semelhança em todo o mundo.

Assim como, a dinâmica social específica da sociedade camponesa a produção das necessidades materiais, a reprodução dos atores humanos e do sistema de relações sociais mostram padrões específicos e genéricos dos camponeses.

Além das mudanças estruturais o autor cita:

[...] “agriculturação” do camponês fazendo com que suas tarefas não-agrícolas anteriores sejam assumidas pela produção industrial em massa (enquanto os aldeões são, frequentemente, jogados nas redes de exploração de empresas agrícolas capitalistas, de vários tipos). Do outro lado, a coletivização levou a uma variedade de padrões especificamente camponeses de ação e reação, por exemplo, os padrões diferenciais de produção no terreno doméstico em oposição à área coletiva e seu impacto sobre as atuais esferas sociais da agricultura. Pode-se também mencionar, aqui a recorrente surpresa diante da tenacidade das formas sociais camponesas (o problema do não-desaparecimento) e mesmo, a “recamponesação” de algumas áreas. (Revista NERA – ano 8, n. 7 – julho/dezembro de 2005, p. 5)

O fato de um camponês não existir em nenhum sentido imediato e estritamente específico, pois dentro de uma mesma aldeia, o rico, o pobre, o proprietário de terras e o arrendatário, o chefe do grupo doméstico ou outra denominação do termo, de acordo com suas relações de trabalho com a terra e a produção para atender ao sistema capitalista será sempre um “camponês” com outra denominação, mas, um camponês na sua heterogeneidade. Por isso é uma mistificação de manipulações.

O camponês na definição de Shanin (2005), também é uma generalização por ser uma economia de subsistência, pelo controle dos próprios meios de produção, qualificação e ocupação multidimensional (agricultura, atividade extrativa e artesanato). Essa generalização segue os padrões e tendências da organização política dos camponeses e têm considerável semelhança em diferentes regiões e países do mundo. As normas e cognições típicas e muito semelhantes dos padrões tanto refletem como por sua vez influenciam as formas de produção e de vida social.

A generalização do camponês estudada por Shanin (2005) a reprodução social, isto é, a produção das necessidades materiais, a reprodução dos atores humanos e do sistema de relações sociais mostram padrões específicos e genéricos dos camponeses (padrões típicos de



propriedade familiar e costumes de herança).No entanto, a generalização do camponês não pode ser confundida com homogeneidade, relevante aqui, é o já referido aprendizado ocupacional dentro da família. O ritmo de vida da aldeia e do grupo doméstico camponês reflete, nitidamente, os principais ciclos “naturais”, ou seja, o ano agrícola. O camponês trabalha com uma sazonalidade na agricultura (plantação, colheita e comercialização da safra) e na agropecuária (o nascimento dos bezerros).

Shanin(2005) analisa a transformação capitalista da agricultura em três tendências principais, simultaneamente em três regiões e partes do mundo e às vezes, dentro da mesma sociedade. Ele chama essas tendências de processos de diferenciação, pauperização e marginalização. Presume-se que tal processo deveria também produzir emprego para os recém-pauperizados, tornando-os proletários e expandindo o capitalismo em seu sentido clássico. O autor faz a análise crítica em cima da mais-valia que é acumulada não na aldeia, nem nas cidades do interior, mas em uma metrópole a 5.000 milhas de distância. O que se segue é uma polarização distorcida, na qual a tendência declinante não corresponde uma ascendente, ou seja, defrontamo-nos não com uma diferenciação e proletarização da maioria, mas com um processo de pauperização expresso no fenômeno da população excedente, do subemprego rural, da cultura da pobreza, das favelas, etc.

Nessa análise crítica que Shanin (2005,p.62-63), faz do modo de produção na visão marxista ele traz a reflexão o rejuvenescimento da análise marxista nos anos 70, que levou a um aumento considerável na atenção e sofisticação do uso do conceito de modo de produção. Numa interação entre o marxismo e o estruturalismo francês contemporâneo levou a redefinição do termo formação social e a rápida ascensão do termo articulação, recém-chegado ao discurso marxista.

Por formação social tem-se o Estado-nação (papel dominante) e a sociedade (formações sociais). Para fundamentar sua análise ele faz indagações para tentar classificar o camponês como modo de produção e após essa indagação e análise Shanin chega à conclusão de que o modo de produção camponês tem provavelmente demasiadas limitações heurísticas para ser sustentado.

O autor ainda nos brinda com uma análise quanto às totalidades e unidades com relação ao campesinato como categoria econômica quebrando os paradigmas de encaixar os camponeses exclusivamente como modo de produção feudal ou capitalista, unidade de

produção, estabelecimento familiar, enfim, são formas de classificar o camponês que limitam a compreensão da realidade social e impõem ortodoxia e verdade através da simples divisão do campo conceitual entre o estruturalismo e o marxismo que visa à unidade.

Ele sugere que devemos prestar mais atenção às questões epistemológicas mais amplas que se apresentam, ou seja, as relações entre a totalidade e suas subunidades. Tudo isso nos leva ao último ponto de ambas as consequências sugeridas sobre a problemática da conceituação de camponês: “a questão da possível inutilidade e/ou qualidades insatisfatórias do termo, isso é necessário porque para compreender o que são os camponeses, devemos compreender o que e como pensamos sobre eles”.

Diante da leitura das ideias de Teodor Shanin (2005) entendemos as dificuldades existentes em categorizar o camponês descrito por Nugent (2006) a marginalidade como são tratados os povos amazônicos (índios, caboclos, mestiços) por boa parte dos estudos na literatura científica eles são: moradores, ocupantes, populações. Devido às diversas formas de mestiçagem e de atividades realizadas pelo camponês da Amazônia. Pois o homem do interior é agricultor, caçador, pescador, extrator, horticultor, piscicultor e outras formas de reprodução de um modo de vida que se altera e se adequa as exigências do modo de produção capitalista. Nessa lógica das mudanças provocadas pelo capitalismo no interior da Amazônia tem-se a visão de Harrisapud Parker:

“o caboclo é uma criação da colonização da Amazônia pelos invasores portugueses. É uma categoria de indivíduos que partilha padrões culturais semelhantes, como a maneira de explorar os recursos ambientais e suas crenças no ambiente encantado.” [...] “Parker afirmou que houve uma quebra desse tradicional modo de vida depois da “segunda conquista” da Amazônia pelo governo militar brasileiro. Isso resultou na “descaboclição” da população rural, conforme ela migrava e abandonava as estratégias adaptativas características do caboclo do passado”. (HARRIS, 2006, p. 82)

Diante desses novos conceitos entende-se que a implantação da Zona Franca de Manaus foi o grande impulsionador dessa descaboclição do camponês na Amazônia, em especial no Estado do Amazonas e dos municípios próximos da capital. Pois na história há relatos dessa época da grande migração do homem do interior para a capital em busca do eldorado.

Essas mudanças impostas pela implantação da Zona Franca trouxeram esperanças de melhoria na qualidade de vida do camponês, aqui chamaremos caboclo, que afetaram diretamente a família do caboclo que veio para a capital trabalhar no distrito industrial e somar-se aos pauperizados e marginalizados que Shanin assim definiu.

### **O modo de vida camponês da comunidade São João do Araçá/ Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Artesãs e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari - ASTA**

Diante do processo de expansão capitalista imposto pelas nações colonizadoras com o apoio do Estado a Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras, Artesãs e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari –ASTA tem procurado alternativas de se reproduzir no espaço e no tempo vivenciando experiências vezes exitosa tais como:

Em 2011, iniciou sua participação nas chamadas públicas do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PENAE e juntamente com outras entidades não governamentais, governamentais e microempresas fundaram a Feira da Agricultura Familiar de Itacoatiara onde participa até os dias atuais comercializando produtos da agricultura familiar direto ao consumidor. Além disso, outras ações importantes para a consolidação da Associação como modelo associativo foram: Implantação do projeto modelo de manejo de pirarucu (parceria IBAMA/IPAAM/UFAM/MMA/INPA); Manejo de quelônios (parceria com a UFAM/IBAMA/IPAAM); Criação de abelhas sem ferrão (apoio IDAM, IBAMA, Comunitários); Aquisição de um ônibus e caminhão por meio de convenio (MDA/IDAM); Casade farinha Mecanizada por meio do MDA/Caixa Econômica/SEARP; Casa digital por meio do MDA/INCRA/Ministério das Comunicações; Trator Multi-cultivador por meio do MDA/Caixa Econômica/SEARP; Lancha com motor 15 HP com bote de alumínio medindo 8,0 m. de comprimento (convênio IPDA/Fundação Banco do Brasil).

Atualmente aguarda proposta em análise pelo Banco do Brasil de cinquenta casas por meio do Programa Nacional de Habitação Rural -PNHR, convênio com a Fundação André Maggi para aquisição de equipamentos de uma indústria de doces e processamento de fruta, com assessoria da base de serviço e comercialização da Associação Organização não Governamental NYMUENDAJU e Fundação Beneficente Anebá.

Parcerias com as Instituições de ensino técnico e superior em projetos de extensão e de pesquisa, dentre eles o projeto de extensão Aplicação das Ferramentas da Qualidade possibilitou levar aos associados e gestores da associação conhecimento quanto a técnicas de trabalho que ajudam no reconhecimento de pontos fracos e fortes, oportunidades e ameaças, planejamento e controle das ações e atividades de gestão e formas de se adequar as exigências do mercado.

Entende-se que ainda é insipiente essa ação para contribuir com uma entidade da classe camponesa, no entanto, esse é um passo inicial diante de outras ações que as Instituições de ensino podem fazer para a melhoria da vida do camponês (caboclo) amazônico diante dos desafios que o capitalismo impõe no mundo moderno.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do pensamento de Kautsky quanto ao campesinato verifica-se que na comunidade São João do Araçá não há experiências com cooperativa, mas existe uma experiência prática de associativismo que iniciou suas atividades em 1993, com um acordo de pesca entre sete comunidades do Rio Arari com o objetivo de combater a pesca predatória feita pelos barcos pesqueiros vindos do Pará. Essa ação demonstra que a Associação busca formas para resistir e reproduzir seu modo de vida contra a exploração de um bem coletivo que são os rios e lagos que fornecem o peixe para a alimentação das comunidades.

Foram realizadas três oficinas para aplicar as técnicas de elaboração de ferramentas de qualidade construídos coletivamente quatro modelos de ferramentas de qualidade: análise swot, diagrama de espinha de peixe, GUT e 5W2H. Essas ferramentas se complementam com a finalidade de verificar se o que aparece na análise swot, se repete no diagrama de causa e efeito e na sequência faz-se a aplicação do GUT para verificar o grau de gravidade, urgência e tendência dos problemas e dificuldades encontrados para então se elaborar o plano de ação através da ferramenta 5W2H.

Essas ferramentas são utilizadas em empresas de vários setores como forma de melhorar a produtividade e superar as dificuldades e melhoria constante. A Associação passa pelo processo de diferenciação na expansão capitalista e permanece persistindo ao com seu

modo de reprodução, buscando formas de se inserir na economia capitalista que está presente nos mais distantes braços de rios e comunidades da Amazônia e do imenso Rio Arari.

Convive com a pauperização e marginalização numa produção industrial na agricultura que se dispersa geograficamente em todo o mundo determinando o que se come e quem produz determinado alimento para a cadeia alimentar. Tudo isso com o aval de governos promovendo a cultura da pobreza num mundo dominado pelo modelo global de produção em larga escala onde países emergentes fornecem commodities agrícolas e minerais para os países ricos.

Ao buscar parcerias para adquirir conhecimento e técnica para aumentar a produtividade de seu roçado, quando trabalha o artesanato com sementes, argila, palha e outros recursos naturais, investe em agricultura orgânica e vende seu produto direto ao consumidor. Com essas ações os camponeses estão tentando se manter como agricultores familiares diante da expansão capitalista.

Além dessas atividades de cunho econômico a Associação procura manter a reprodução do modo de vida camponês amazônico prezando pelo resgate da cultura da roça, da preservação das festas religiosas e do trabalho em mutirão.

## CONCLUSÃO

Diante do processo de expansão capitalista imposto pelas nações colonizadoras com o apoio do Estado a Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras, Artesãs e da Agricultura Familiar do Baixo Rio Arari –ASTA tem procurado alternativas de se reproduzir no espaço e no tempo vivenciando experiências vezes exitosas tais como:

Em 2011, iniciou sua participação nas chamadas públicas do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PENAE juntamente com outras entidades não governamentais, governamentais e microempresas fundaram a Feira da Agricultura Familiar de Itacoatiara onde participa até os dias atuais comercializando produtos da agricultura familiar direto ao consumidor; criação de abelhas sem ferrão (apoio IDAM, IBAMA, Comunitários); aquisição de um ônibus e caminhão por meio de convenio (MDA/IDAM); casade farinha Mecanizada por meio do MDA/Caixa Econômica/SEARP; Casa digital por meio do MDA/INCRA/Ministério das Comunicações; trator Multi-cultivador por meio do MDA/Caixa

Econômica/SEARP; lancha com motor 15 HP com bote de alumínio medindo 8,0 m. de comprimento (convênio IPDA/Fundação Banco do Brasil).

A Associação recebe constantemente alunos de instituições de ensino para conhecer suas atividades e realizarem pesquisas e estudos. O sistema de produção para melhoria das técnicas de plantio, colheita e comercialização dos produtos dos associados tem recebido melhorias gradualmente através dessas parcerias e isso tem possibilitado o acesso ao mercado consumidor na venda direta na Feira da Agricultura Familiar, na venda a alguns supermercados da cidade de Itacoatiara e para a merenda escolar das escolas do município.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina; MURIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. Utopias e distopias na paisagem social amazônica.** São Paulo, Annablume, 2006.

ADAMS, Cristina; MURIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. Presente ambivalente: uma maneira de estar no tempo.** São Paulo, Annablume, 2006.

KARL Kautsky. **A Questão Agrária.** São Paulo. R. Harmonia, 1980.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1974.

TEODOR, Shanin. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discursão marxista.** Revista Nera – Núcleo de Estudos e Pesquisas e Projetos da Reforma Agrária. São Paulo, ano 8, n. 7 – jul/dez, 2005.